



METAFÍSICAS CALEIDOSCÓPICAS: A FILOSOFIA PSICODÉLICA NAS PORTAS DA PERCEÇÃO DE ALDOUS HUXLEY

Jan Clefferson Costa de Freitas (UFRN/UECE/FACULESTE/Vía Synapsis)*

RESUMO: Este artigo tem por finalidade apresentar uma contribuição original à filosofia contemporânea acerca dos limites da sensibilidade e inteligibilidade a partir de uma análise do pensamento de Aldous Huxley expresso em *As Portas da Percepção*. Para alcançar o objetivo geral, evidenciaremos como a natureza estética e metafísica da experiência psicodélica pode possibilitar um desvelamento de dimensões fenomenológicas que extrapolam o escopo das lógicas racionalistas e empiristas ocidentais. Além disso, elucidaremos que de um modo muito diferente das drogas produzidas pela indústria farmacêutica, desprovidas de qualquer significado simbólico e ritual, as plantas sagradas utilizadas em culturas multimilenares são como chaves que abrem as portas da percepção, sacramentos que possibilitam tanto uma mais profunda contemplação do realmente real quanto uma mais elevada conexão entre o humano e o divino. Em linhas gerais, através de uma metodologia analítico-descritiva que interliga revisão bibliográfica, leitura aproximada, abordagens críticas e escrita criativa sobre os temas anunciados, demonstraremos como resultado da subseqüente investigação em que medida a psicodelia pode ser compreendida não apenas como um horizonte interpretativo das reflexões filosóficas, mas também como uma abertura da consciência para novas maneiras de ser que transpõem os padrões impostos pelas ontologias hegemônicas.

PALAVRAS-CHAVE: Estética, Fenomenologia, Metafísica, Percepção, Psicodelia.

KALEIDOSCOPIIC METAPHYSICS: PSYCHEDELIC PHILOSOPHY IN ALDOUS HUXLEY'S THE DOORS OF PERCEPTION

ABSTRACT: The purpose of this article is to present an original contribution to contemporary philosophy about the limits of sensibility and intelligibility, based on an analysis of Aldous Huxley's thought expressed in *The Doors of Perception*. In order to achieve the general objective, we will demonstrate how the aesthetic and metaphysical nature of the psychedelic experience can make it possible to unveil phenomenological

* Bacharel, Mestre e Doutor com Pós-Doutorado em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Licenciado em Filosofia e Especialista em Neurociências pela Faculdade Única. Especialização em andamento na área de Cannabis Medicinal pela Faculdade do Leste Mineiro. Coordenador Adjunto do Projeto de Pesquisa e Extensão Inovadora intitulado “Seminários Multidisciplinares em Sabedorias Enteogênicas e Filosofias Psicodélicas” pela Universidade Estadual do Ceará. Colaborador Acadêmico da Sociedad Científica Vía Synapsis (México). Autor do livro “Transfigurações Psicodélicas: as Metamorfoses da Arte em Friedrich Nietzsche e Alex Grey” pela Editora Dialética.



dimensions that go beyond the scope of Western rationalist and empiricist logics. Furthermore, we will elucidate that in a very different way to drugs produced by the pharmaceutical industry, which are devoid of any symbolic and ritual significance, the sacred plants used in multimillennial cultures are like keys that open the doors of perception, sacraments that enable both a deeper contemplation of the truly real and a higher connection between the human and the divine. In general terms, through an analytical-descriptive methodology that intertwines bibliographical review, close reading, critical approaches and creative writing on the themes mentioned, we will demonstrate as a result of the subsequent investigation to what extent psychedelia can be understood not only as an interpretative horizon for philosophical reflections, but also as an opening up of consciousness to new ways of being that transpose the standards imposed by hegemonic ontologies.

KEYWORDS: Aesthetics, Phenomenology, Metaphysics, Perception, Psychedelia.

Introdução – Estética, Fenomenologia e Metafísica nas Portas da Percepção

Este artigo se propõe a analisar e descrever as aproximações entre a estética visionária, fenomenologia perceptual e a experiência psicodélica, ao ter como eixo gravitacional *As Portas da Percepção* de Aldous Huxley [1894-1963], obra originalmente publicada em 1954 e que neste ano de 2024 comemora o seu septuagésimo aniversário. Sem o propósito de defender o uso irrefletido de substâncias psicoativas, Huxley utiliza as suas imersões com a mescalina como ponto de partida para uma reflexão filosófica que ultrapassa a esfera físico-química, a fim de alcançar uma dimensão estética e metafísica: “Nos últimos quinze anos de sua vida, o foco de Huxley nas artes visuais passou da arte como exercício intelectual para a arte como incorporação do potencial religioso e visionário” (SCHUMACHER, 1982, p. 101, tradução nossa). O pensador psicodélico levanta um questionamento crucial sobre os limites da perceptividade humana, ao sugerir, no ensaio supramencionado, que os estados ordinários de consciência estão condicionados por filtros biológicos e culturais, barreiras biopsicossociais que restringem de modo constante a compreensão do ser humano sobre o realmente real: “Huxley argumenta que a mente e o cérebro humanos – em parte porque são incapazes de lidar com o número infinito de impressões e imagens que chegam, e em parte porque essa é a maneira como se pensava que funcionavam – filtram a realidade” (AMATI, 2020, p. 34, tradução nossa).



Dessa maneira, o autor abre caminho para uma investigação das potencialidades sensoriais e cognitivas que se manifestam em processos perceptuais extraordinários – tanto induzidos por meio dos mais distintos psicoativos, quanto acessados espontaneamente ou através da sensibilidade artística e das práticas místicas. Ao expandir e pluralizar a ontologia da percepção, Huxley argumenta que as fronteiras entre a realidade e o imaginário, entre o imanente e o transcendente, entre o devir e o Ser se dissolvem em um fenômeno artístico, no qual a luz, as cores, as formas, os sentidos e as ideias adquirem uma profundidade ontológica admiravelmente inédita.

A partir dos horizontes preliminarmente descritos, o presente trabalho examina o modo como Huxley confronta as correntes filosóficas tradicionais, em especial o empirismo britânico e o racionalismo cartesiano, ao subverter as hierarquias clássicas da experiência sensível. O filósofo visionário concebe os fenômenos extáticos e a criação estética como processos afins, nos quais tanto as cores quanto as luzes têm muito mais valoração do que os pesos e medidas: “A característica mais óbvia de tais experiências visionárias arquetípicas é a luminosidade da cor nelas. É por isso que grande parte da arte religiosa do mundo tem uma qualidade rica, brilhante, luminosa, semelhante à qualidade de uma joia” (SANGHARAKSHITA, 1995, p. 13, tradução nossa). Além disso, este artigo busca desenvolver a relação entre a sensibilidade artística e a “mente integrada”, um conceito que Huxley utiliza para descrever o estado de consciência que desativa os filtros da sobrevivência biológica e da utilidade social, onde se unem o transcendente e o imanente, a fim de permitir uma visão mais transparente e direta de uma possível substância das coisas: “Ele acredita que as drogas psicoativas ou certos tipos de pessoas e práticas podem remover esse filtro até certo ponto. Certas drogas, por exemplo, deixam o usuário suscetível à ‘integridade mental’” (AMATI, 2020, p. 34, tradução nossa). A cor e a luz, que no ideário moderno estão frequentemente relegadas ao status de *res extensa*, emergem na experiência psicodélica como protagonistas do mundo real ou *res cogitans*, ao manifestar uma sucessividade de intensidades perceptivas e significados simbólicos que ultrapassam o dualismo mente-corpo e as limitações estabelecidas pela racionalidade cartesiana: “Huxley segue a descrever uma percepção transformada da realidade, a mente dele não mais impõe categorias espaciais abstratas como a extensão geométrica de



Descartes sobre as texturas fractais do mundo circundante” (SEGALL, 2022, p. 254, tradução nossa). Por fim, este estudo problematiza a ruptura entre a sabedoria ancestral, associada aos psicodélicos naturais, e a industrialização – que segundo Huxley introduz na sociedade compostos sintéticos desprovidos de mística e ancestralidade –, ao mesmo tempo que analisa os impactos dessa transição sobre a relação do ser humano com os mistérios da existência e a busca por transcendência através da imanência.⁶⁹ Ao longo desta análise, lastreada por uma metodologia analítico-descritiva que integra revisão bibliográfica, leitura aproximada, pensamento crítico e escrita criativa sobre os temas mencionados, busca-se evidenciar como a ampliação da percepção, seja através da arte, da mística ou da psicodelia, permite uma reconfiguração do campo fenomenológico que transpõe os limites epistemológicos da modernidade e abre novas possibilidades de compreensão da questão do Ser.⁷⁰

I – Experiência Psicodélica e Reconfiguração Perceptual no Ideário de Huxley

Na obra *As Portas da Percepção*, ao contrário do que pressupõe quem não conhece a tessitura, Aldous Huxley não apresenta para os leitores uma apologia dogmática ao uso descontextualizado das substâncias psicodélicas, mas um questionamento de

⁶⁹ Quando falamos a respeito de uma transcendência através da imanência, nos referimos à possibilidade de acessar outros mundos possíveis, não por meio de uma separação entre imaterial e material, mas a partir de uma intensificação sensorial e perceptiva no aqui e no agora. A perspectiva em questão tem por fundamento a noção de Huxley segundo a qual o sagrado não está fora do universo, sendo manifesto como uma parte da natureza quando os filtros condicionantes da consciência ordinária estão momentaneamente suspensos pela experiência psicodélica. Conforme sugere Peter Sjöstedt-Hughes no seu artigo recém-publicado, *The Bergsonian Metaphysics behind the Huxley's Doors*, ao invés de desprezar a matéria, Huxley compreende que por meio dela o ser humano pode acessar dimensões imateriais como as da memória, em um movimento dialético que dissolve a dualidade entre a física e a metafísica. Em poucas palavras, alcançar o transcendente por meio do imanente significa, no pensamento de Huxley, uma abertura à imaterialidade com um ponto de partida na materialidade.

⁷⁰ O Ser, no pensamento de Aldous Huxley, pode ser compreendido como o realmente real, uma totalidade que circunscreve as possibilidades fenomênicas e conceituais, não sendo uma abstração metafísica, mas uma presença ontológica acessível através dos estados extraordinários de consciência, nos quais os limites da percepção convencional são ultrapassados. Na experiência psicodélica, conforme observa Andrija Matic em seu artigo intitulado *Aldous Huxley's Search for Unity*, o ser humano pode perceber o mundo como uma expressão direta não apenas do Ser, mas também do devir, livre das construções utilitárias e linguísticas que ensombrecem a natureza da realidade. Entrementes, na filosofia psicodélica de Huxley, o Ser tem um caráter tanto imanente quanto transcendente, pois se desvela nas particularidades da realidade sensível, como nas luzes e nas cores, da mesma forma que se manifesta nas dimensões meta-sensíveis, nos horizontes que estão além do espaço e do tempo.



relevância filosófica sobre os limites da capacidade sensitiva e cognitiva do ser humano (HOROWITZ et al, 1999; LANGLITZ, 2024). Na visão de Huxley, os efeitos da mesalina operam como um fenômeno que descortina os véus da perceptividade cotidiana para introduzir o indivíduo em um estado de consciência onde as luzes e as cores assumem uma profundidade ontológica jamais antes manifesta: “Esse é um reino de perfeita transcendência, de modo a se dizer que a percepção vai além da conceitualização, da experiência e da imaginação de qualquer indivíduo comum” (WILBER, 1998, p. 42, tradução nossa). As tonalidades outrora subliminares explodem em um caleidoscópio de significados que subverte as hierarquias clássicas da experiência sensível, como aquelas propostas por John Locke [1632-1704]. Se para Locke a forma, a massa e a extensão constituíam as realidades mais fundamentais e dignas de conhecimento, Huxley questiona a lógica do empirismo britânico ao iluminar a riqueza inexplorada das “qualidades secundárias” – especialmente a luz e a cor, seguida pelas demais percepções, que na apreciação psicodélica emergem como protagonistas da realidade (HOROWITZ et al, 1999; BISBEE et al, 2018). Assim, Huxley propõe uma expansão plural da ontologia sensorial, onde as fronteiras entre o imaginário e o real, o imanente e o transcendente, se dissolvem em uma sublimidade tanto estética quanto metafísica. Nas suas palavras:

A mesalina eleva todas as cores a uma nova potência e dá àquele que as percebe a consciência de inúmeros e sutilíssimos matizes de diferença, aos quais, em condições normais, ele é completamente cego. Ao contrário do que pensava Locke, parece evidente que as cores são mais importantes e mais dignas de atenção do que as massas, posições e dimensões. Muitos místicos, como os apreciadores de mesalina, percebem cores sobrenaturalmente brilhantes não só com o olho da imaginação, mas mesmo no mundo objetivo ao seu redor. Relatos semelhantes foram feitos por paranormais e sensitivos. Para certos médiuns, as breves revelações que se manifestam ao apreciador de mesalina representam a experiência que eles têm habitualmente, dia a dia e hora a hora, durante longos períodos (HUXLEY, 2015, p. 24-25).

Ao traçar paralelos entre os estados extraordinários de consciência induzidos pela mesalina e as experiências de místicos e artistas, Huxley sugere que a falta de perspectiva para a natureza fractal da vida não constitui uma regra geral, mas uma limitação imposta pelo condicionamento perceptual de cada indivíduo (WHITESEL, 1971; HOROWITZ et al, 1999). Desde a posição de quem pretende contestar os mecanismos disciplinadores da



sociedade contemporânea para ultrapassar as fronteiras que circundam a mente condicionada e vislumbrar outros mundos possíveis: “Ele argumenta que sua estética das drogas, que começou a ser formulada na década de 1930, foi usada para estimular um diálogo entre a liberdade individual e diferentes definições de poder: pessoal, sociopolítico e divino” (DICKENS, 2022, p. 91, tradução nossa). Entrementes, aqueles que possuem sensibilidade para as coisas excepcionais vivem em um mundo onde as percepções, intensificadas até o limiar do mistério, abrem-se como portas para novas formas de entendimento. Para estes indivíduos por assim dizer atípicos, a apreciação de uma realidade ampliada vem a ser um modo de ver as paisagens sensitivas que escapam às categorias da racionalidade e da empiria, para além das sombras e das formas fixas da existência (BISBEE et al, 2018; DICKENS, 2022). Nesse horizonte, as luzes e cores não apenas desvelam o realmente real ou o Ser, mas o criam de forma incessante ao esculpirem dimensões vibrantes e fluidas que o olhar ordinário não pode captar. Por expandir o espectro cromático e luminoso a novas potencialidades, a mescalina não somente intensifica os processos perceptivos, mas reconstrói o próprio ato de perceber, ao tornar o que era familiar extraordinário e possibilitar uma compreensão do campo fenomenológico como sendo infinitamente mais rico do que se pode imaginar.

Para Aldous Huxley, o artista ocupa um limiar entre o mundo ordinário e o extraordinário ao suplantam as limitações perceptivas e utilitárias que condicionam o olhar convencional. Na perspectiva do filósofo psicodélico, a percepção artística vem a ser uma espécie de exceção à regra biopsicossocial, uma abertura para o que ele chama de “mente integrada” (MUREŞAN, 2019; NGUYEN, 2024). Os artistas, assim como os apreciadores de mescalina, não estão circunscritos na estrutura da vida ordinária, onde a percepção passa a ser filtrada pelo que serve exclusivamente à sobrevivência: “O uso de mescalina e outros alucinógenos, que induzem efeitos psicodélicos, inibem o mecanismo de filtragem que atua em nosso cérebro. Dessa forma, temos acesso a novos mundos de consciência que antes nos eram vedados” (AMATI, 2020, p. 35, tradução nossa). Dessa maneira, a sensibilidade do esteta passa a ser como as lentes de um caleidoscópio que permite a passagem de um entendimento mais profundo e transparente sobre o campo fenomenológico. Este conhecimento, que escapa às categorias racionais e empíricas,



constitui uma intuição direta da substância das coisas (MUREȘAN, 2019; LANGLITZ, 2024). Para aqueles que fazem arte e expandem a consciência, o mundo material – com seus objetos, cores, formas – se torna uma linguagem viva, na qual cada elemento pode ser compreendido como uma inscrição sagrada, um desvelamento do Ser em sua forma mais fundamental e misteriosa:

Aquilo que o resto das pessoas só vê sob a influência da mescalina, o artista já nasce dotado para ver o tempo todo. Sua percepção não se limita àquilo que é biológica ou socialmente útil. Um pouquinho do conhecimento pertencente à Mente Integrada passa pela válvula redutora do cérebro e do ego e penetra em sua consciência. É um conhecimento do significado intrínseco de qualquer ente. Para o artista, como para o consumidor de mescalina, os drapeados são hieróglifos vivos que, de maneira peculiarmente expressiva, representam o mistério insondável do puro Ser (HUXLEY, 2015, p. 29).

A imagem dos drapeados como “hieróglifos vivos” que expressam o mistério do Ser, na citação acima tem um caráter particularmente filosófico, pois transfigura a percepção estética em uma leitura mística e psicodélica do mundo, sendo a arte um desdobramento da contemplação dos horizontes metafísicos (BISBEE et al, 2018; MUREȘAN, 2019). Assim como a mescalina pode fazer com que o sujeito transponha a percepção utilitária e mergulhe em uma realidade repleta de significado, tanto os artistas visionários quanto os místicos legítimos – estes últimos uma antítese dos ordenamentos estéticos e do charlatanismo pseudocientífico –, muitas vezes sem a necessidade de substâncias externas, podem decifrar de modo preciso a “escrita hieroglífica” que desvela o realmente real: “Independente da chave utilizada para perpassar as realidades que ultrapassam os cinco sentidos [...], a finalidade dos fenômenos oníricos e extáticos consiste em servir como uma fonte de inspiração para os artistas visionários” (FREITAS, 2024b, p. 90). A visão do pensador psicodélico, dessa maneira, não vem a ser obstruída pela “válvula redutora” do cérebro e do ego, mas mantém uma conexão com uma dimensão mais consistente da manifestação mental, onde temporariamente o Ser se descobre em sua plenitude simbólica. O que para os racionalistas e empiristas significa apenas medida, textura e forma, para o artista e o místico representa uma inscrição cósmica, uma revelação caleidoscópica do inefável (MUREȘAN, 2019; NGUYEN, 2024). Ao afirmar que os estetas nascem com capacidades perceptivas mais ampliadas, uma “graça gratuita” que merece aceitação e estima, Huxley sugere que a criatividade artística vem a ser, por sua



própria natureza, um processo de desvelamento metafísico, no qual o sentimento de unidade com o supremo mistério se transfigura em uma linguagem multidimensional e criativa.

A dicotomia entre o “mundo exterior” e o “mundo interior” proposta por Huxley evoca uma tensão fundamental na experiência humana, onde a realidade objetiva, repetitiva e funcional contrasta com o reino fluido e indeterminado da subjetividade psicodélica (HOFMANN, 1997; SJÖSTEDT-HUGHES, 2024). O mundo exterior, o espaço da vigília e da necessidade, vem a ser apresentado como uma arena de exigências, um teatro em que se desenrola o drama da sobrevivência e da fragmentação pessoal: “Uma visão de integridade no humano do século XX parecia um sonho remoto, enquanto Huxley ponderava sobre a possibilidade de que a desintegração fosse um fato da vida moderna” (SCHUMACHER, 1982, p. 62, tradução nossa). Na exterioridade, os seres humanos são induzidos a obedecer aos imperativos da produção e da utilidade. Mas esse mundo das convenções sociais, que se impõe com rigor mecânico e previsibilidade, parece esgotar-se em uma materialidade sem substância (HOFMANN, 1997; SJÖSTEDT-HUGHES, 2024). Huxley descreve a imagem de uma cotidianidade que, por sua própria natureza, limita e oprime a imaginação, um ciclo repetitivo que sufoca o espírito criativo e obstrui o acesso à dimensão do sagrado. Nesse sentido, o condicionamento ao mundo exterior pode ser visto como uma prisão dos sentidos, onde as experiências da vida vêm a ser condicionadas pela racionalidade utilitária:

O mundo exterior é aquele com que nos deparamos quando acordamos a cada manhã, é o lugar onde, queiramos ou não, devemos tentar ganhar a vida. No mundo interior não há nem trabalho nem monotonia. Visitamo-lo somente nos sonhos e devaneios, e sua estranheza é tal que nunca o encontramos idêntico em duas ocasiões sucessivas. Não é de se admirar, portanto, que os seres humanos em busca do divino tenham preferido, em geral, olhar para dentro! (HUXLEY, 2015, p. 40).

Em contraste à exterioridade, a interioridade vem a ser um reino de liberdade radical, uma dimensão onde o tempo cronológico e as leis da física podem estar suspensos. Os reinos interiores representam o domínio do sonho, do devaneio e da imaginação, sendo espaços psíquicos onde o “eu” encontra sua flexibilidade máxima (HOFMANN, 1997; SJÖSTEDT-HUGHES, 2024). Nos fluxos internos, os conteúdos da realidade se



transformam a cada instante e transpõem os limites da consciência, incapaz de ser fixada ou domesticada pelas formas externas: “O foco de Huxley mudou da forma pura para uma sinergia entre forma e conteúdo, em que ambos desempenham parte integrante do ser da coisa” (GERBEC, 2018, p. 84, tradução nossa). Segundo Huxley, não surpreende que os seres humanos em busca do divino olhem para dentro, pois para ele ali reside a magnificência infinita do Ser – um horizonte que, na sua multidimensionalidade, espelha os aspectos substanciais da existência. Ao contrário do mundo exterior, que se repete e se apresenta como um conjunto de fatos concretos, o mundo interior vem a ser um lugar de revelação contínua, onde o mistério se manifesta de modo pluridimensional (HOFMANN, 1997; SJÖSTEDT-HUGHES, 2024). Em termos filosóficos, a interioridade pode ser compreendida como um campo fenomenológico para experiências psicodélicas, de manifestação da consciência, onde as fronteiras entre o indivíduo e o universo se dissolvem para possibilitar o acesso a uma realidade líquida, inédita e sagrada, na qual a divindade não vem a ser algo distante da natureza, mas intrínseca à própria substância da subjetividade.

Huxley nos convida a refletir sobre um aspecto fundamental da existência humana: a incessante interação com os métodos modificadores da consciência, uma prática primordial que perpassa as mais diversas culturas, as mais diferentes épocas e os mais variados espaços (ESCOHOTADO, 1998; LANGLITZ, 2024). Desde as primeiras civilizações, os seres humanos encontraram nas metodologias de indução extática, bem como nos componentes químicos dos fungos sagrados e plantas mestras, uma ponte para outras formas de percepção, seja em busca de conhecimento, saúde, celebração, conciliação, desenvolvimento ou espiritualidade: “Para uma espécie espiritualizada e que usa a linguagem como nós, a experiência do êxtase não é percebida como um simples prazer, mas, ao contrário, é incrivelmente intensa e complexa. Está ligada à nossa própria natureza e realidade” (MCKENNA, 1993, p. 35, tradução nossa). As substâncias psicodélicas, sedativas e estimulantes que se encontram na natureza, como se fossem frutos de um pacto secreto entre os reinos desta última e as civilizações que floresceram, podem possibilitar uma notável sinergia entre o indivíduo e o planeta. Por esse caminho, a psicodelia não vem a ser um fenômeno recente da mente, mas uma herança biopsicossocial



que remonta aos tempos imemoriais, quando xamãs e visionários concebiam, a partir da botânica divina, as chaves para a porta da eternidade (GREY, 1998; CARUANA, 2013). Huxley assinala, de maneira nítida, que o ser humano sempre buscou a transposição da sua condição existencial, a saída da prisão sensorial e ontológica, sendo os elementos psicoativos considerados como veículos naturais para a expansão do horizonte perceptivo e existencial. Com efeito, ele diz:

Todos os sedativos e narcóticos vegetais, as substâncias estimulantes que crescem em árvores, os alucinógenos que amadurecem em frutos ou podem ser extraídos de raízes – todos, sem exceção, foram conhecidos e sistematicamente usados pelos seres humanos desde tempos imemoriais. E a esses modificadores naturais da consciência a ciência moderna acrescentou a sua cota de modificadores sintéticos – o cloral, por exemplo, a benzedrina, os brometos e os barbitúricos (HUXLEY, 2015, p. 52).

O advento da ciência moderna introduziu novos parâmetros para a busca pela ultrapassagem das fronteiras mentais, ao criar modificadores sintéticos da percepção, como os barbitúricos, estimulantes, benzodiazepínicos e anfetaminas, que, embora tenham eficácia bioquímica, carecem da temporalidade cultural e profundidade simbólica dos seus equivalentes naturais (ESCOHOTADO, 1998; PECCIOLI, 2011). Huxley conduz os seus leitores a questionar se os compostos artificiais não representam, de certa maneira, uma ruptura com a sabedoria ancestral que compreende os fungos e plantas como uma ponte de conexão entre a humanidade e a divindade: “Seus escritos eram mais ousados do que sua prática e fornecem um dos esforços mais consistentes para contextualizar o uso de drogas em termos de atividade cultural e não de predileção individual” (PATKE, 2002, p. 157, tradução nossa). Enquanto os psicoativos da natureza estão muitas vezes associados a rituais sagrados e à revelação de verdades místicas, os sintéticos da modernidade passam a ser produzidos em laboratórios sofisticados, desprovidos de qualquer contexto espiritual ou simbólico, tratados como instrumentos farmacológicos, vias de entretenimento para alterar as faculdades perceptivas ou armas químicas utilizadas como estratégia de controle populacional e domesticação das massas (ESCOHOTADO, 1998; PECCIOLI, 2011). Além do bem e do mal, do certo e do errado, do justo e do injusto, o que está em jogo para Huxley não vem a ser a simples diferença entre o natural e o industrial, mas um empobrecimento da própria relação do ser humano com os enigmas da consciência e a



liberdade de espírito. No mundo moderno, onde as ciências ocidentais fragmentam e isolam os conhecimentos em especialidades, a experimentação dos modeladores perceptuais industrializados acima citados parece romper o elo profundo do ser com o cosmos, ao se tornar um meio de intervenção clínica, de manipulação mental ou de alienação da realidade. Nessa perspectiva, Huxley compreende que a modernização, ao ampliar as possibilidades humanas de modular a mente, paradoxalmente ensombrece a conexão do indivíduo com o sentido originário das experiências psicodélicas, a saber, a imersão no mistério metafísico máximo, o mergulho no manancial para onde convergem os rios do Ser.

Huxley revela uma percepção aguda sobre a vontade de ultrapassagem dos antípodas mentais, um impulso que para ele se ergue como um dos pilares da vida, anseios da alma que ressoam nos mais profundos oceanos e ecoam nos mais elevados cumes do espírito (HOROWITZ et al, 1999; BISBEE et al, 2018). Na sua perspectiva, quando os indivíduos se veem incapazes de alcançar a expansão consciencial por meio de práticas místicas, como a meditação e a oração, com facilidade recorrem a alternativas químicas que, a depender da substância utilizada, facilitam e aceleram o acesso ao sentido do extraordinário. Desde o seu ângulo de visão: “as drogas são apenas uma maneira de ter acesso a esses mundos diferentes. A inibição da válvula redutora pode ocorrer espontaneamente em algumas pessoas [...] ou por meio do uso de diferentes técnicas, como hipnose ou meditação” (AMATI, 2020, p. 35, tradução nossa). Por essa razão, pensar nos vários psicoativos utilizados em diferentes contextos culturais, desde a antiguidade à contemporaneidade, evidencia o desejo de abrir as portas da percepção como uma variável que ultrapassa fronteiras espaço-temporais e se modela de acordo com as possibilidades produzidas por cada sociedade, seja em termos de acesso ao sagrado quer de significado para o mistério (FREITAS, 2024c; LANGLITZ, 2024). Assim, Huxley apresenta uma realidade em que os substitutos químicos se tornam signos de uma inquietação compartilhada, de um entusiasmo natural por experiências que conectam a autoconsciência à supraconsciência, onde as substâncias ampliadoras da perceptividade se transformam em um tipo de caminho que, uma vez percorrido com os mapas apropriados, pode conduzir ao palácio da sabedoria. Conforme o pensador psicodélico:



O anseio de transcender a individualidade autoconsciente é, como eu disse, um dos principais apetites da alma. Quando, por um motivo ou outro, os homens e as mulheres não conseguem transcender-se por meio do culto religioso, das boas obras e dos exercícios espirituais, eles tendem a recorrer aos substitutos químicos da religião – o álcool e as “bolinhas” do Ocidente moderno, o álcool e o ópio no Oriente, o haxixe no mundo muçulmano, o álcool e a maconha na América Central, o álcool e a coca nos Andes, o álcool e os barbitúricos nas regiões mais modernizadas da América do Sul (HUXLEY, 2015, p. 54-55).

Do ponto de vista de Huxley, a utilização de chaves químicas para acessar estados extraordinários de percepção suscita uma série de questões éticas e filosóficas, particularmente em um mundo que parece estar cada vez mais desconectado de suas raízes ontológicas e fundamentações comunitárias (MEYERS, 2024; BALLESTEROS, 2024). A insistência em ultrapassar a individualidade por meios que muitas vezes não conduzem aos circuitos mais elevados da mente, como os opioides e os barbitúricos, o álcool e as anfetaminas, demonstra a necessidade de redirecionar a procura por experiências transformadoras para práticas que possam ser verdadeiramente enriquecedoras e regenerativas, como os ritos que envolvem o uso milenar de psicoativos naturais, uma vez que “desde o princípio, como se sabe, o ser humano procura uma conexão com a sacralidade por meio da mística, das religiões, dos sonhos, da imaginação, da epifania, da teofania e também dos demais estados extraordinários de consciência” (FREITAS, 2024a, p. 9, tradução nossa). Huxley sublinha que, ao invés de condenar o uso de certas substâncias, por mais deletérias que sejam à saúde pessoal e coletiva, a sociedade precisa antes reconhecer o que elas representam: o desejo humano por conexão e significado em uma realidade cotidianamente marcada pela alienação e solidão. Desse modo, o desafio dos pesquisadores da homeostase através das terapias psicodélicas reside em identificar ou criar métodos que satisfaçam a aspiração de enfrentar o desconhecido, sendo capazes de oferecer alternativas para unificar o indivíduo ao universo de forma segura e saudável, sem desvalorizar e subnotificar as metodologias que já existem há muitos milênios (MEYERS, 2024; BALLESTEROS, 2024). Torna-se evidente no pensamento de Huxley que a ampliação da consciência não precisa se confundir com uma busca desesperada onde os fins justificam os meios, sendo por ele compreendida como um caminho deliberado para o autoconhecimento e a conectividade com o cosmos, onde a “visão sacramental da



realidade” vem a ser redescoberta enquanto um recurso vital, capaz de libertar a humanidade das correntes do egocentrismo e favorecer a continuidade da vida.

II – Ritos Extáticos e União Mística nas Tradições de Sabedoria

Ao discutir a experiência religiosa dos povos originários em *As Portas da Percepção*, especialmente no contexto da Igreja Nativo-Americana, Aldous Huxley apresenta uma visão afirmativa do uso de substâncias psicoativas como ponte para uma mística autêntica e direta (HOROWITZ et al, 1999; BISBEE et al, 2018). Para as culturas indígenas do norte da América, como os Cheyenne, os Comanche e os Navajo, a relação com o divino não vem a ser mediada por dogmas rígidos ou por construções artificiais da mente racionalista e fragmentada do ocidente, mas acontece de maneira plural e ritualizada: “Os objetivos do ritual são fortalecer a harmonia entre o indivíduo e as forças divinas, assim como entre os seres humanos reciprocamente, e alcançar os propósitos individuais para os quais a reunião foi organizada” (HULTKRANTZ, 1997, p. 37, tradução nossa). As substâncias utilizadas no xamanismo tradicional, ao contrário das compulsões e obsessões associadas aos narcóticos no ocidente, vêm a ser compreendidas como sacramentos, meios legítimos de acessar uma realidade ulterior. Nessa contextualização, onde a fronteira entre a autoconsciência e a supraconsciência se dissolve para possibilitar a conexão do indivíduo com as forças cósmicas, a experiência do sagrado passa a ser apreciada de maneira estética (GREY, 1998; CARUANA, 2013). Nos rituais xamânicos, tal abertura das portas da percepção não vem a ser interpretada como um entretenimento trivial ou distorção do mundo real, mas uma sincronização do indivíduo com o todo, por meio da qual a transfiguração da consciência pode resultar em uma otimização da vida cotidiana:

Para esses indígenas, a experiência religiosa é algo muito mais direto e luminoso, mais espontâneo, não um produto artificial da mente superficial e individual. Às vezes (segundo os relatos coligidos pelo Dr. Slotkin) eles têm visões, que podem ser do próprio Cristo. Às vezes ouvem a voz do Grande Espírito. Às vezes se tornam conscientes da presença de Deus e daquelas deficiências pessoais que devem ser corrigidas para que possam fazer Sua vontade. As consequências práticas dessa abertura química das portas que levam ao Outro Mundo parecem ser exclusivamente boas (HUXLEY, 2015, p. 57).



As experiências extáticas recorrentes no xamanismo tradicional e nas religiões xamânicas, para Huxley, são um testemunho de como a química pode ser uma aliada no processo de autossuperação e reconexão com o sagrado, desde que inserida em contextos culturais que compreendem e respeitam seu poder transformador (MCKENNA, 1993; FREITAS, 2023). A luminosidade das visões com a mescalina, a força das revelações divinas que ela pode suscitar e a presença do Grande Espírito nas formas da natureza por ela desvelada não apenas orientam os indivíduos no autoconhecimento, mas podem fazer com que sua própria existência venha a ser reformulada dentro de termos mais genuínos: “Os curandeiros e xamãs indígenas sabem desde a antiguidade que as plantas possuem uma essência espiritual que pode se comunicar por meio de luz, som e vibração” (PRUE, 2016, p. 177, tradução nossa). Huxley argumenta que as consequências práticas das suas aberturas químicas para outros níveis da realidade foram invariavelmente salutares, visto terem lhe conduzido a uma harmonia interna e externa, onde a autotransformação por ele buscada veio a ser ampliada na direção de uma expressiva conexão da sua mente com o divino. Ao contrário do materialismo inflexível e da superficialidade mística que muitas vezes cercam a modernidade, as substâncias psicodélicas presentes em plantas e fungos utilizados pelos povos originários proporcionam um meio de autoaperfeiçoamento e alinhamento da vontade individual com uma mais ampla perspectiva do cosmos (MCKENNA, 1993; HOFMANN, 1997). Assim, o uso de certos compostos psicoativos – longe de constituírem um perigo para a sociedade ou representarem a degradação individual – vem a ser, sob o prisma das ideias de Huxley, uma valiosa forma de manifestação da sacralidade, uma resposta à procura por significado que resgata o sagrado da opressão da racionalidade moderna e da alienação existencial que a acompanha na atualidade.

A experiência dos fenômenos extáticos, discutida por Huxley, reflete um processo no qual os povos primordiais, distante de serem agentes passivos diante da imposição colonial, ressignificam os impulsos de independência e autodeterminação através de uma espiritualidade híbrida (ZENTNER, 2012; SALAZAR, 2023). A aproximação entre as cosmovisões indígenas e ocidentais, em especial durante as décadas iniciais de atuação da Igreja Nativo-Americana, para o filósofo psicodélico representava uma convergência que



poderia subverter as dicotomias coloniais e oferecer uma alternativa de coexistência entre tradições constitutivamente diferenciadas: “A Igreja Nativo Americana cumpriu seu dever ao demonstrar que agia de maneira sincera na busca de sua reivindicação constitucional e não estava simplesmente tentando contornar uma brecha legal de forma enganosa” (SONI, 2016, p. 107, tradução nossa). Desta feita, a incorporação de elementos da cultura ocidental não significaria uma aceitação da hegemonia europeia, mas uma estratégia de manutenção dos ritos originários que descaracterizava a narrativa colonizadora: uma articulação complexa em que a religiosidade reconfigurava as relações entre o humano e o divino (ZENTNER, 2012; SALAZAR, 2023). A Igreja Nativo-Americana reverberava, para Huxley durante os anos de 1950, como um espaço de resistência ontológica, onde as sabedorias indígenas, a teologia do ocidente e as experiências psicodélicas se entrelaçavam em uma mística que desafiava a supremacia do racionalismo europeu. Nos termos do autor:

Alguns indígenas responderam à supremacia branca tornando-se americanizados, outros recusaram ao indigenismo tradicional. Mas alguns tentaram juntar o melhor dos dois mundos ou, com efeito, de todos os mundos – o melhor do indigenismo, o melhor do cristianismo e o melhor dos Outros Mundos, da experiência transcendental, onde a alma sabe que é incondicionada e partilha da mesma natureza da divindade. Daí surgiu a Igreja Nativo-Americana. Nela, dois grandes apetites da alma – o impulso de independência e autodeterminação e o impulso de autotranscendência – se fundiram com um terceiro e foram interpretados à luz dele – o impulso de adorar, de justificar, para o ser humano os caminhos de Deus, de explicar o universo por meio de uma teologia coerente (HUXLEY, 2015, p. 58).

A experiência de intensificação da percepção e expansão da consciência, representada pelas práticas rituais com as plantas sagradas e psicodélicos apreciados com sabedoria, não apenas pode conectar o indivíduo à divindade, mas também pode servir como um hipertônico para a resistência contra a devastação colonizadora (MCKENNA, 1993; ANDREDY, 2012). Conforme Huxley, ao produzir uma ruptura com a mentalidade colonial que entende o mundo como esfera de recurso a ser explorada até tudo virar nada, o uso das substâncias psicoativas representa um ato de fé que reitera a liberdade da alma e a incondicionalidade de sua natureza divina: “Nestas formas de religiosidade, a natureza desempenha um papel central enquanto fonte de cura, inspiração e conexão espiritual, sendo vista como um repositório de sabedoria primordial e uma manifestação tangível do



divino” (FREITAS, 2024c, p. 20). O sincretismo religioso, como pensado por Huxley, em casos emergenciais, estratégicos e temporários, poderia criar uma plataforma para o exercício da autodeterminação cultural, onde os povos originários reafirmariam a sua independência frente às estruturas coloniais de dominação. O pensador visionário, ao mencionar “os outros mundos”, reconhece que o multiverso de significados acessado pelos indígenas ultrapassa a racionalidade cartesiana e a teologia eurocêntrica (MAROUKIS, 2010; ZENTNER, 2012). De acordo com o que sugere Huxley, o xamanismo tradicional e as religiões xamânicas da sua época não eram vistos como contextos irremediavelmente colonizados, sendo os povos originários considerados enquanto agentes criadores de uma realidade coerente que legitimava a pluralidade das suas próprias cosmovisões. Assim, a Igreja Nativo-Americana se apresentava como uma síntese revolucionária que não apenas reconciliava as tensões entre o indigenismo e o cristianismo, mas que, ao fazer isso, reivindicava a soberania ontológica e epistemológica das tradições de sabedoria diante da modernidade.

Aldous Huxley, em uma abordagem sofisticada da experimentação psicodélica, recusa a simplificação que equipara os efeitos da mescalina à plena iluminação. Ele reconhece a distinção fundamental entre o uso de substâncias psicoativas e os processos conscienciais alcançados através de anos de disciplina espiritual (ODIN, 2022; LANGLITZ, 2024). Dessa forma, sua perspectiva da psicodelia repousa sobre o conceito de “graça gratuita”, uma ideia emprestada da teologia mística que considera certas experiências como fenômenos não obrigatórios para a redenção, mas que podem enriquecer a alma de maneiras inesperadas e profundas na jornada em direção do inefável: “Huxley afirmava que essa experiência original não era diretamente mística, mas apenas se aproximava dela com suas qualidades visionárias” (DICKENS, 2022, p. 102, tradução nossa). Os estados psicodélicos, na concepção de Huxley, não vêm a ser vistos como se fossem os mais avançados níveis de consciência, mas sim como uma rara oportunidade de ultrapassagem temporária das limitações ordinárias da percepção. A mente, liberta por algumas horas dos grilhões da sobrevivência animal e do pensamento discursivo, nesse contexto pode vislumbrar o mundo em sua transparência fenomenal, direta e não condicionada pelos filtros perceptuais (GERBEC, 2018; MATIC, 2020). Tal visão, diz



Huxley, possui valor inestimável, especialmente para alguns intelectuais, que muitas vezes se perdem nas armadilhas de uma linguagem abstrata e acabam por desperceber as expressões imediatas da realidade. Nas palavras do filósofo visionário:

Não sou tolo a ponto de identificar o que ocorre sob a influência da mescalina ou de qualquer outra droga, preparada ou preparável no futuro, com a realização do fim e do objetivo último da vida humana: a iluminação, a Visão Beatífica. Afirmo apenas que a experiência da mescalina é o que os teólogos católicos chamam de uma “graça gratuita”, não necessária para a salvação, mas potencialmente útil e que se deve aceitar com gratidão quando é concedida. Ser arrancado das rotinas da percepção ordinária, contemplar por algumas horas eternas os mundos exterior e interior, não como aparecem para um animal obcecado pela sobrevivência ou para um ser humano obcecado por palavras e noções, mas tais como são apreendidos, direta e incondicionalmente, pela Mente Integrada é uma experiência de valor inestimável para todos, e especialmente para o intelectual (HUXLEY, 2015, p. 59).

Os filósofos, artistas e místicos, ao contemplarem o mundo através das lentes da “mente integrada”, em um estado de consciência que ultrapassa a fragmentação do eu e a rigidez da linguagem, vêm a ser presenteados com uma visão rara e profunda da realidade, não mais mediada pelas noções e categorias da racionalidade moderna (MEYERS, 2024; NGUYEN, 2024). Esse tipo de contemplação não constitui um fim em si, mas um vislumbre que ilumina os limites da percepção habitual, pois oferece uma compreensão que pode favorecer o pensamento, a expressão e a ação no futuro: “Embora discuta uma variedade de métodos para contornar a ‘válvula redutora cerebral’ [...], Huxley vê a mescalina e outros psicodélicos como o meio mais direto de acesso ao subconsciente e ao superconsciente” (ODIN, 2022, p. 241-242, tradução nossa). Para Huxley, interromper as rotinas da perceptividade ordinária não se confunde com um ato recreativo, mas um presente do universo a ser aceito com gratidão, visto que tal interrupção manifesta a potencialidade humana de romper as grades da prisão sensorial e cognitiva. Assim, enquanto rejeita qualquer tentativa de igualar a experiência da mescalina à iluminação final, Huxley sustenta que os fenômenos psicodélicos constituem uma preparação de suma importância para a união mística (PATKE, 2002; MATIC, 2020). A psicodelia, em termos fenomenológicos, pode desvelar as camadas ocultas da realidade, aprofundar o entendimento intelectual e possibilitar, ao menos de maneira temporária, uma reconexão com o mundo tal como ele é, e não como em geral vem a ser percebido. Os estados



extraordinários de consciência, mesmo que denotem uma certa impermanência, tem o poder de reorganizar os devires da mente para reorientar o ser humano em direção do sentido de todas as coisas extraordinárias.

Aldous Huxley, ao posicionar o raciocínio sistemático como uma necessidade incontornável para a sobrevivência humana, simultaneamente afirma a importância da percepção direta como um antídoto para a rigidez do pensamento racional (SEGALL, 2022; SJÖSTEDT-HUGHES, 2024). O intelecto, por si só, segundo o filósofo, vem a ser insuficiente para captar a totalidade da circunscrição do mundo, a ter em vistas fragmentar a realidade em categorias e conceitos que, por sua própria natureza, limitam a abrangência da experiência de ser: “O fato de nosso cérebro perceber as coisas que nos cercam apenas parcialmente, por uma questão de sobrevivência, não significa que a única realidade seja aquela que percebemos por meio da válvula redutora do cérebro” (AMATI, 2020, p. 35, tradução nossa). Perceber diretamente, ao contrário, permite um contato imediato com uma infinidade de possibilidades que superam todas as forças racionais de entendimento. A ampliação das faculdades mentais, do ponto de vista de Huxley, está na capacidade de alternar entre esses dois modos de consciência – a racionalidade que ajuda a sobreviver e a perceptividade imediata que conecta o ser humano com a “transcendência imanente” (SJÖSTEDT-HUGHES, 2024; LANGLITZ, 2024). Este modo de transcender, longe de ser uma abstração ininteligível, se apresenta no cotidiano como uma participação vivenciada na totalidade do Ser, onde o indivíduo, embora ainda circunscrito pelas necessidades práticas da vida, torna-se capaz de integrar uma condição de possibilidade que a razão jamais poderia apreender completamente:

O raciocínio sistemático é algo sem o qual não podemos viver, quer como espécie, quer como indivíduos. Mas, para permanecermos sãos, também não podemos viver sem a percepção direta – e, quanto menos sistemática, melhor – dos mundos, interior e exterior, nos quais nascemos. Essa realidade dada é um infinito que ultrapassa todo o entendimento e, não obstante, pode ser apreendido de modo direto e, de certa maneira, total. É uma transcendência pertencente a uma ordem extra-humana que, no entanto, pode apresentar-se para nós como uma imanência sentida, uma participação vivenciada. Ser iluminado é ser consciente, sempre, da realidade total em sua alteridade imanente – ser consciente dela e mesmo assim permanecer em condições de sobreviver como um animal, de pensar e sentir como um ser humano, de recorrer ao raciocínio sistemático sempre que isso for útil e necessário (HUXLEY, 2015, p. 62-63).



Estar iluminado, para Huxley, não consiste em uma fuga do real ou da racionalidade, mas vem a ser uma integração suprema da consciência que abarca tanto o finito quanto o infinito, o profano e o sagrado, a verdade e o mistério que residem no coração de cada pessoa (SHANKARACHARYA, 1999; MUREŞAN, 2019). Transcender, nesse sentido, significa estar consciente dessa “realidade total em sua alteridade imanente”, ou seja, sentir-se imerso na substância do Ser ao mesmo tempo que mantém a capacidade de navegar pelo universo das contingências práticas e intelectuais: “Para Huxley, essa sabedoria perene era o mais próximo que a mente finita poderia chegar de perceber tudo o que está acontecendo em todos os lugares do universo” (SEGALL, 2022, p. 266, tradução nossa). A iluminação, dessa maneira, não condiz com o abandono da condição animal ou racional humana, mas representa a ultrapassagem dessas categorias por meio de uma consciência expandida, que permite ao indivíduo ver o mundo não apenas como uma projeção da sua mente, mas como algo que pulsa com uma vida própria, inefável e misteriosa (SHANKARACHARYA, 1999; MATIC, 2020). A expansão consciencial não se opõe diametralmente ao raciocínio sistemático, mas o coloca em seu devido lugar: como uma ferramenta entre muitas outras, útil para certas finalidades, mas incapaz de compreender a totalidade da existência. Assim, Huxley propõe uma harmonia entre o pensamento e a percepção, entre o humano e o divino, onde a “mente integrada” pode ser manifestada livremente entre a transcendência necessária e a imanência sentida, sem se prender a nenhuma das referidas realidades de modo exclusivo.

Huxley convoca os seus leitores a contemplar uma transformação profunda e sublime do ser humano que atravessa o limiar da percepção ordinária e emerge no “outro mundo”, na dimensão onde estão as coisas consideradas por ele como sendo realmente reais (PATKE, 2002; DAY et al, 2022). O indivíduo que expandiu a consciência, conforme observado pelo próprio filósofo, pode trazer consigo a sabedoria de quem vislumbrou o mistério ontológico, não como um conceito a ser depreendido, mas como uma presença inefável que resiste à captura conceitual: “Devido à sua pesquisa meticulosa sobre esse tópico e aos experimentos com drogas alucinógenas, ele conseguiu expressar suas visões místicas de forma mais vívida, mas a imagem da ‘Natureza das Coisas’ permaneceu intacta” (MATIC, 2020, p. 133, tradução nossa). Desde o ângulo de visão de



Huxley, o ser que regressa da experiência psicodélica, ao aterrissar na cotidianidade, não mais se atem às ilusões de certeza ou à vaidade do conhecimento racional e do intelecto ordinário. Pelo contrário, no melhor dos mundos possíveis, torna-se mais humilde, consciente das fronteiras da razão discursiva e da vastidão de sua própria ignorância (AMATI, 2020; DAY et al, 2022). Contudo, a humildade concebida pelo autor não vem a ser paralisante; ela consiste na abertura para uma autêntica sabedoria, que nasce da percepção de que as palavras e os sistemas de pensamento são ferramentas imperfeitas, incapazes de abranger a totalidade da realidade:

Mas o ser humano que torna a entrar pela “porta na muralha” nunca será exatamente igual àquele que por ela saiu. Será mais sábio, mas menos presunçoso; mais feliz, mas menos autocomplacente; mais humilde no reconhecimento de sua ignorância, mas também mais bem equipado para compreender a relação entre as palavras e as coisas, entre o raciocínio sistemático e o Mistério insondável que, sempre em vão, ele tenta compreender (HUXLEY, 2015, p. 64).

O retorno pela “porta da muralha” implica uma nova forma de relação entre o “eu” e o mundo. O ser humano pode se tornar muito mais autorrealizado: autorrealização que não vem a ser a da complacência superficial consigo mesmo; mas uma alegria profunda de quem reconhece a própria finitude dentro de um universo que supera a sua compreensão (DAY et al, 2022; MEYERS, 2024). O raciocínio sistemático, outrora um pilar de segurança, revela-se agora uma estrutura frágil diante dos enigmas insondáveis que compõem o cosmos: “Aquele que ultrapassa as portas das percepções, que é apresentado a essas diferentes camadas da realidade, passa por uma transformação permanente, ele não é mais o mesmo” (AMATI, 2020, p. 36, tradução nossa). De modo paradoxal, tal revelação não consiste em um motivo de desespero; contrariamente, ela prepara o indivíduo para ter uma visão mais nítida das relações entre as coisas e as palavras, entre os conceitos e a realidade que ambos tentam descrever (DAY et al, 2022; MEYERS, 2024). Assim, Huxley reconhece o valor da racionalidade, mas não se escraviza por ela, pois sabe que o seu entendimento do real não se encontra na dimensão conceitual, mas na experiência direta e intuitiva da totalidade. Desta feita, ao retornar da sagrada jornada pelos continentes distantes da mente, o pensador psicodélico passa a sentir-se ao mesmo tempo mais simples e perspicaz, visto ter se libertado da tirania do pensamento



puramente racional e aceitado a limitação do seu próprio conhecimento diante do mistério metafísico máximo, o sentido e verdade do Ser.

Conclusão – A Psicodelia como Chave Interpretativa da Filosofia

A partir da análise desenvolvida ao longo deste artigo, fica evidente que a obra *As Portas da Percepção*, de Aldous Huxley, apresenta uma contribuição filosófica de expressiva originalidade ao repensar os limites sensoriais e cognitivos do ser humano por meio da experiência psicodélica: “o livro se tornou um clássico nos círculos psicodélicos e fora deles, fornecendo uma estrutura metafísica livre na qual os psiconautas podem interpretar suas experiências” (SJÖSTEDT-HUGHES, 2024, p. 15, tradução nossa). Ao investigar os estados ampliados de consciência proporcionados pela mescalina através de um método fenomenológico, Huxley não apenas questiona as estruturas epistemológicas estabelecidas, como também propõe uma ontologia ampliada da sensorialidade, onde os horizontes metafísicos podem ser transfigurados em obra de arte: “Assim, representar com a obra de arte os universos acessados através dos processos expansivos do espírito significa transfigurar as estruturas metafísicas em criações de ordem estética” (FREITAS, 2024b, p. 88). A crítica do pensador psicodélico ao empirismo britânico e ao racionalismo cartesiano, o seu contraponto aos sistemas filosóficos que valorizam as “qualidades primárias” – forma, massa e extensão – em detrimento das “qualidades secundárias”, como as luzes e as cores, sugere uma revalorização dessas últimas como portais de acesso a uma compreensão mais profunda da realidade. No panorama apresentado por Huxley, a luz e a cor, que nos movimentos ordinários de perceptividade analisados e descritos pelos racionalistas e empiristas permanece condicionada a uma função de menor relevância, nos processos psicodélicos assumem um papel determinante para o desvelamento de dimensões fenomenológicas que ultrapassam as limitações do pensamento racional e empírico.

Por conseguinte, este estudo evidenciou como a experiência psicodélica e a atividade artística compartilham um campo comum, o qual Huxley denomina “mente integrada”, onde o indivíduo se liberta dos filtros utilitários que condicionam a percepção



ordinária: “Em seus últimos anos, Huxley se convenceu de que o misticismo estava incorporado no panorama da arte; que uma união entre o físico e o espiritual era possível” (SCHUMACHER, 1982, p. 100, tradução nossa). Tanto os artistas visionários quanto os místicos legítimos revelam uma abertura para realidades simbólicas e sensíveis que permanecem ocultas ao olhar convencional, percepções que ultrapassam as barreiras impostas pela racionalidade e pela cultura. Por esse motivo, Huxley considera que os meios naturais e químicos para a libertação mental possibilitam uma reconfiguração perceptual através da experimentação fenomenológica: “Em seu sistema de crenças, os meios farmacológicos e fisiológicos servem a finalidades metafísicas e místicas” (PATKE, 2002, p. 157, tradução nossa). Nesse sentido, o presente trabalho resgatou a pertinência de pensar a dicotomia entre o natural e o sintético, sobretudo no que concerne ao uso de substâncias ampliadoras da consciência. Ao comparar os psicoativos naturais, carregados de significado cultural e espiritual, com os compostos sintéticos da modernidade, desprovidos de mística e tradição nos anos de 1950, Huxley acenava para a problemática de uma desconexão entre a busca pela expansão da consciência e os métodos contemporâneos de modelação da mente.

Ao propor a intensificação das faculdades perceptuais e cognitivas como uma chave para a transcendência através da imanência, Huxley sugere que a busca por estados extraordinários de consciência não vem a ser por ele mesmo compreendida sob o aspecto de uma evasão da realidade, mas como uma abertura para novas formas de experimentação e apreciação da vida: “A experiência com a droga reduz o poder do conceito dominante e a vontade necessária de sobreviver, liberando o eu para acessar a porta que abre um mundo – ou uma perspectiva totalmente diferente do nosso mundo” (PATKE, 2002, p. 159, tradução nossa). Conclui-se, portanto, que o filósofo psicodélico apresenta uma via interpretativa de grande importância para compreender a perceptividade como um campo estético, fenomenológico, epistemológico e metafísico em constante expansão, no qual o imaginário e o real, a substância e a matéria, o transcendente e o imanente se espelham de maneira caleidoscópica: “Huxley se deliciava com a beleza do comum e se sentia realizado ao ver as coisas como elas eram – simples coisas” (GERBEC, 2018, p. 92, tradução nossa). A arte, a psicodelia e as práticas sacramentais das mais diversas tradições de



sabedoria, no entendimento expresso por Huxley, não são escapismos para o esquecimento momentâneo da carga psíquica que acompanha a finitude, mas instrumentos filosóficos e existenciais que podem reconfigurar profundamente relação do ser humano com a vida, o mundo, a mente e o mistério ontológico que os permeia. Em poucas palavras, a criatividade artística, a expansão consciencial e a mística visionária desempenham na existência um papel similar ao exercido pela luz na percepção das cores de um caleidoscópio.

Assim sendo, inspiradas pelo desvelamento sensorial e cognitivo proporcionado pelas experiências psicodélicas, o que aqui chamamos de metafísicas caleidoscópicas, além de representarem uma visão da existência como um campo pluridimensional e em constante metamorfose, onde os fragmentos do mundo se reorganizam continuamente em padrões de significado que desafiam as limitações da percepção ordinária: também podem ser concebidas enquanto chaves de interpretação da realidade, paradigmas de pensamento que ultrapassam a linearidade e estabilidade das ontologias hegemônicas para poderem se assemelhar à fluidez de um mosaico a interligar possibilidades, uma abertura multilateral por meio da qual se manifesta nas dimensões estéticas e fenomenológicas um dinamismo constante que não pode ser contido por categorias rígidas.

Em linhas gerais, com muitas reticências e quase sem pontos finais, este artigo se completa junto à reafirmação de que o estudo das experiências psicodélicas tanto pode ampliar a atual compreensão da condição planetária quanto abrir novos caminhos para a filosofia contemporânea, ao permitir que esta última venha a traçar delineamentos jamais antes vistos nos horizontes da estética, da fenomenologia, da epistemologia, da ética, da política e da metafísica.

Referências

AMATI, G. Superior Point of View: William James and Aldous Huxley's Reflections on Mystical and Religious Experiences. *JOGTS*, Oxford, v. 1. n. 1, pp. 25-40, 2020.



ANDREY, J. *Teachings of the Peyote Shamans: Five Points of Attention*. Rochester/Vermont: Park Street Press, 2012.

BALLESTEROS, V. The Psychedelic Experience as an Ethical Experience. In: LOVERING, R. (Ed.). *The Palgrave Handbook of Philosophy and Psychoactive Drug Use*. Cham/Switzerland: Palgrave Macmillan, 2024.

BISBEE, C. C.; BISBEE, P.; DICKY, E.; FARRELL, P. (Orgs.). *Psychedelic Prophets: the Letters of Aldous Huxley and Humphry Osmond*. London: McGill-Queen's University Press, 2018.

BOLDEA, I.; SIGMIREAN, C.; BUDA, D. M. (Eds.). *Multiculturalism through Lenses of Literary Discourse*. Tîrgu-Mureş: Arhipelag XXI Press, 2019.

CARUANA, L. *O Primeiro Manifesto da Arte Visionária*. Tradução de José Eliezer Mikoze. Curitiba: Biblioteca da Ordem Rosa-Cruz, 2013.

DAY, J.; SCHMETKAMP, S. Psychedelic Expansion of Consciousness: a Phenomenological Study in Terms of Attention. *InCircolo*, v. 13, p. 111-135, 2022. Disponível em: <https://philarchive.org/rec/DAYPEO>

DICKENS, R. Power and the Sublime in Aldous Huxley's Drug Aesthetics. In: HAUSKELLER, C.; SJÖSTEDT-HUGHES, P. *Philosophy and Psychedelics: Frameworks for Exceptional Experience*. London: Bloomsbury Academic, 2022.

ESCOHOTADO, A. *Historia General de las Drogas*. Madrid: Alianza Editorial, 1998.

FREITAS, J. C. C. Ecstatic States and Visionary Art: from Metaphysical Realms to Aesthetic Creation. *Revista Cacto*, v. 4, n. 2, pp. 1-27, 2024a. Disponível em: <https://revistas.ifsertaope.edu.br/index.php/cacto/article/view/665>



FREITAS, J. C. C. Experiência Psicodélica e Arte Visionária: uma Transfiguração da Metafísica em Estética. *Revista Filoteológica*, v. 3. n. 2, pp. 82-108, 2024b. Disponível em: <http://www.revistafiloteologicafefs.educacao.ws/index.php/RFTCF/article/view/125>

FREITAS, J. C. C. Filoteologias da Natureza: o Uso Ritual dos Entógenos no Xamanismo e nas Religiões Contemporâneas. In: SILVEIRA, R. P. (Org.). *Questões Contemporâneas em Religião: Volume 2*. Formiga: Editora Real Conhecer, 2024c.

FREITAS, J. C. C. Que é isto – a Filopsicodelia?: o Reflorescimento da Filosofia Psicodélica. *Revista Princípios*, v. 30, n. 62, p. 159-200, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/principios/article/view/31841>

GERBEC, J. C. *Aesthetics of the Everyday/Aesthetics of the Mundane*. Master Thesis. Espoo: Aalto University, 2018.

GREY, A. *The Mission of Art*. Colorado: Shambala Press, 1998.

HAUSKELLER, C.; SJÖSTEDT-HUGHES, P. (Eds.). *Philosophy and Psychedelics: Frameworks for Exceptional Experience*. London: Bloomsbury Academic, 2022.

HOROWITZ, M.; PALMER, C. (Orgs.). *Moksha: Aldous Huxley Classic Writings on Psychedelics and Visionary Experience*. New York: Park Street Press, 1999.

HOFMANN, A. *Mundo Interior, Mundo Exterior: Pensamientos y Perspectivas del Descubridor del LSD*. Traducción de José Almaraz. Barcelona: Los Libros de la Liebre de Marzo. 1997.

HULTKRANZ, A. *The Attraction of Peyote: an Inquiry into the Basic Conditions for the Difusion of the Peyote Religion in North America*. Stockholm: Almqvist and Wiksell International, 1997.



HUXLEY, A. L. *As Portas da Percepção/Céu e Inferno*. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla e Thiago Blumenthal. Prefácio de Sidarta Ribeiro. São Paulo: Biblioteca Azul, 2015.

LABATE, B. C.; CAVNAR, C. (Orgs.). *Peyote: History, Traditions, Politics, and Conservation*. California: Prager, 2016.

LANGLITZ, N. The Paradoxes of Psychedelic Humanities. *In: LOVERING, Rob (Ed.). The Palgrave Handbook of Philosophy and Psychoactive Drug Use*. Cham/Switzerland: Palgrave Macmillan, 2024.

LOVERING, R. (Ed.). *The Palgrave Handbook of Philosophy and Psychoactive Drug Use*. Cham/Switzerland: Palgrave Macmillan, 2024.

MAROUKIS, T. C. *The Peyote Road: Religious Freedom and the Native American Church*. Norman: University of Oklahoma Press, 2010.

MATIC, A. Aldous Huxley's Search for Unity: the Epiphanies of Eyeless in Gaza. *Orbis Litterarum*, Wiley, v. 75, pp. 129-139, 2020.

MCKENNA, T. J. *Food of the Gods*. New York: Bantam Press, 1993.

MEYERS, C. Might Stoners live better Lives? Drug Use and Human Welfare. *In: LOVERING, R. (Ed.). The Palgrave Handbook of Philosophy and Psychoactive Drug Use*. Cham/Switzerland: Palgrave Macmillan, 2024.

MUREȘAN, O. Aldous Huxley's View on Psychedelic Substances. *In: BOLDEA, Iulian; SIGMIREAN, C.; BUDA, D. M. (Eds.). Multiculturalism through Lenses of Literary Discourse*. Tîrgu-Mureș: Arhipelag XXI Press, 2019.



NGUYEN, C. T. The Aesthetics of Drugs. In: LOVERING, R. (Ed.). *The Palgrave Handbook of Philosophy and Psychoactive Drug Use*. Cham/Switzerland: Palgrave Macmillan, 2024.

ODIN, S. The Unconscious in Zen and Psychedelic Experience: a Response to D. T. Suzuki Zen's Critique of Drug-Induced Satori. In: HAUSKELLER, C.; SJÖSTEDT-HUGHES, P. *Philosophy and Psychedelics: Frameworks for Exceptional Experience*. London: Bloomsbury Academic, 2022.

PATKE, R. S. Throughout the Floors of Perception: Huxley, Benjamin, and Drugs. *Journal X*, v. 7, n. 2, pp. 155-168, 2002.

PECCIOLI, M. R. *Micropolíticas dos Corpos: as Drogas como Linhas de Fuga*. Dissertação de Mestrado. 180 pp. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2011. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/3298>

PRUE, B. Protecting the Peyote for Future Generations. In: LABATE, B. C.; CAVNAR, C. (Orgs.). *Peyote: History, Traditions, Politics, and Conservation*. California: Prager, 2016.

SALAZAR, C. H. M. *Aldous Huxley y Carlos Castaneda: Estudio Literario Comparado en el Proceso de la Experiencia Mística mediante Enteógenos*. Master Thesis. 49 pp. Bucaramanga: Universidad Autónoma de Bucaramanga, 2023. Disponible en: <https://repository.unab.edu.co/handle/20.500.12749/25971>

SANGHARAKSHITA, S. *In the Realm of Lotus: a Conversation about Art, Beauty, and Spiritual Life*. Helsinki: Mandart Productions, 1995.



SCHUMACHER, P. D. *Aldous Huxley and the Visual Arts*. Ontario: McMaster University, 1982. Master Thesis.

SEGALL, M. D. Altered Consciousness after Descartes: Whitehead's Philosophy of Organism as Psychedelic Realism. In: HAUSKELLER, C.; SJÖSTEDT-HUGHES, P. *Philosophy and Psychedelics: Frameworks for Exceptional Experience*. London: Bloomsbury Academic, 2022.

SHANKARACHARYA, A. *The Crest-Jewel of Wisdom and other Writings of Shankaracharya*. California: Theosophical University Press, 1999.

SILVEIRA, R. P. (Org.). *Questões Contemporâneas em Religião: Volume 2*. Formiga: Editora Real Conhecer, 2024.

SJÖSTEDT-HUGHES, P. The Bergsonian Metaphysics behind the Huxley's Doors. In: LOVERING, R. (Ed.). *The Palgrave Handbook of Philosophy and Psychoactive Drug Use*. Cham/Switzerland: Palgrave Macmillan, 2024.

SONI, V. *Peyote, Christianity, and Constitutional Law: Toward an Antisubordination Jurisprudence*. In: LABATE, B. C.; CAVNAR, C. (Orgs.). *Peyote: History, Traditions, Politics, and Conservation*. California: Prager, 2016.

WILBER, K. *The Essential Ken Wilber*. Colorado: Shambala Publications, 1998.

WITHESEL, G. E. *Evolution as Metaphor: Patterns of Continuity in the Thought and Aesthetics of Aldous Huxley*. Master Dissertation. 345 pp. Michigan: Michigan State University, 1971.

ZENTNER, J. L. Peyote: the Divine Cactus. *Journal of Psychoactive Drugs*, v. 13, n. 3, p. 401-404, 2012. Available in: <https://doi.org/10.1080/02791072.1981.10471904>